Anais do XXVII Encontro de Iniciação à Docência

Pró-reitoria de graduação – ENID – 2025

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

RESUMO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB
A SALA DE AULA COMO CAMPO DE EXPERIMENTAÇÃO NA UFPB: CONSTRUINDO VIVÊNCIAS E PRÁTICAS LÚDICO-DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE TEORIA ANTROPOLÓGICA

Luiza De Oliveira Buchheister
Thalissa Batista De Melo
Orientador : Lucas Coelho Pereira

Programa Monitoria
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA, Campus I, João Pessoa - PB

RESUMO: O trabalho de monitoria aqui apresentado buscou construir experimentações pedagógicas que integrem práticas lúdico-didático-pedagógicas nos processos de ensino-aprendizagem em disciplinas de Antropologia ofertadas aos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O principal objetivo do projeto foi elaborar e sistematizar vivências e ferramentas didático-pedagógicas capazes de engajar os/as educandos/as nos processos de aprendizagem da teoria antropológica a partir de experimentações corporais (dança, teatro, performance etc.), artísticas, literárias e perceptivas. A metodologia do projeto foi desenvolvida em etapas. Inicialmente, realizou-se um diagnóstico da turma por meio de uma roda de conversa, com o objetivo de reconhecer as diversidades sociais, étnico-raciais, de gênero e sexualidade presentes no grupo. A partir desse diagnóstico, foram organizadas reuniões do grupo de estudos para discutir novas metodologias a serem aplicadas nas aulas. Schweig (2024) nos coloca a importância da experimentação, inerente à etnografia, e consequentemente, relevante no ensino da antropologia. A noção de experimentação foi central nas atividades realizadas, questionando-se o distanciamento de maneiras inventivas de ver a sala de aula. Além desta, Freire (2019) e Hooks (2013) também são centrais no projeto para se pensar as experimentações e uso do corpo na sala. As práticas experimentais incluíram: elaboração de cartas pessoais a partir das impressões de leitura, promovendo uma escrita subjetiva e interpretativa, em diálogo com Zora Hurston; catalogação de imagens, desenhos e materiais audiovisuais relacionados aos conceitos trabalhados na disciplina, como ferramenta de sistematização visual e analítica; realização de um júri simulado, no qual os/as estudantes deveriam construir argumentos baseados em uma leitura minuciosa do texto "Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva" (2017), para julgar uma bruxa, personagem fictícia criada para a experimentação, se dividindo entre acusação, defesa e júri; e atividades corporais inspiradas em aulas de teatro, explorando a movimentação e a expressividade como forma de compreender o texto antropológico, especialmente em Mauss (2003). Entre os produtos e resultados concretos do projeto, destacam-se: a produção de diários pessoais em que os/as estudantes dialogaram suas vivências com os textos da disciplina; exposições fotográficas e audiovisuais virtuais, disponíveis para consulta posterior; criação de um blog, fanzine e revista com textos autorais inspirados nos conteúdos da disciplina; desenvolvimento de um jogo didático, no formato de "perfil", em que as cartas continham pistas sobre conceitos antropológicos trabalhados ao longo do semestre. As experiências lúdico-didático-pedagógicas revelaram-se fundamentais para o engajamento dos/as estudantes na disciplina. Observou-se: maior interesse e envolvimento nas leituras e discussões em sala; transformação da sala de aula em um espaço de trocas de saberes e partilha de conhecimentos; desenvolvimento de metodologias capazes de traduzir conceitos antropológicos

abstratos em experiências artísticas e corporais; fortalecimento das habilidades de escrita acadêmica e criativa a partir das experiências vivenciadas e promoção do diálogo interdisciplinar entre Antropologia e outras áreas do conhecimento.